

## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM QUILOMBOS: UMA PROPOSTA DE POLÍTICA PÚBLICA A PARTIR DOS CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER NO QUILOMBO DE BAÍA FORMOSA EM BÚZIOS (RJ)

Recebido em: 09/10/2021

Aprovado em: 08/11/2021

Licença: 

*José Ângelo Carneiro<sup>1</sup>*

*Valéria Lima Guimarães<sup>2</sup>*

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

**RESUMO:** Este artigo trata de uma política pública de lazer e turismo voltada à educação antirracista. Seu objetivo é sensibilizar os alunos buzianos das redes pública e privada para a questão racial com base em uma programação voltada às tradições africanas, a partir dos conteúdos culturais do lazer a ser vivenciada no Quilombo de Baía Formosa. A metodologia se baseou em um estudo de caso, calcado nas pesquisas bibliográfica e pesquisa-ação, tendo como instrumentos o questionário semiaberto e a observação assistemática, compreendendo o ano de 2019. Os resultados demonstraram que essas atividades ajudaram no (re)conhecimento e respeito às tradições africanas, bem como na sensibilização dos alunos para as questões étnico-raciais, oportunizando a construção de uma consciência antirracista ao fazer conhecer os elementos culturais quilombolas e seus lugares de referência na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política pública de lazer e turismo. Educação antirracista. Conteúdos culturais do lazer.

### ANTI-RACIST EDUCATION IN QUILOMBOS: A PUBLIC POLICY PROPOSAL FROM THE CULTURAL CONTENTS OF LEISURE IN QUILOMBO DE BAÍA FORMOSA IN BÚZIOS (RJ)

**ABSTRACT:** This article deals with a public leisure and tourism policy aimed at anti-racist education. Its objective is to sensitize students from the public and private schools in Búzios to the racial issue based on a schedule focused on African traditions, grounded on the cultural contents of leisure to be experienced in Quilombo de Baía Formosa. The methodology was based on the case study, supported on the bibliographic research and action research, using the semi-open questionnaire and unsystematic observation as instruments, covering the year 2019. The results showed that these activities helped in the recognition and respect for African traditions, as well as in sensitizing students to ethnic-

<sup>1</sup> Mestre em Turismo (UFF), Professor da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Doutora em História Comparada (UFRJ). Professora Adjunta do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Grupo de pesquisa Histur – Conexões entre História, Cultura e Turismo

racial issues, providing opportunities for the construction of an anti-racist conscience by making known the quilombola cultural elements and their places of reference in the city.

**KEYWORDS:** Leisure and tourism public policy. Anti-racist education. Cultural leisure contents.

## **Introdução**

Dentre os desafios que a escola enfrenta atualmente ainda se encontra a superação do racismo, visto que o preconceito mina a autoestima, ofende e fragiliza o aluno e, conseqüentemente, a própria sociedade ao negar a variedade e complexidade de identidades que coabitam o ambiente escolar. A escola como espaço de convivência, lugar para ser, sentir, experimentar e se transformar, não cabem o desrespeito, o preconceito e a intolerância, pois tais atitudes ferem princípios básicos de qualquer ser humano, como o direito à liberdade e à igualdade.

Todavia, o que se tem observado é que o preconceito racial vem se acentuando não somente no cotidiano escolar, mas no mundo como um todo. Percebe-se ainda um claro retrocesso das conquistas do negro na sociedade, explicitando que ele continua a sofrer uma série de violações em seus direitos sociais, políticos, culturais e econômicos. Essa realidade pode e deve ser abordada na escola com o propósito de uma educação antirracista, pois apesar do país ser fruto de uma formação histórica multicultural e racial, é inegável a invisibilidade que muitos dos elementos culturais africanos adquiriram ou foram negados em sua formação. Por essa razão é importante dar visibilidade às comunidades quilombolas, afinal são elas as detentoras deste conhecimento.

Pensando o lazer como tema transversal da cultura e associado ao turismo étnico, nota-se que este pode se tornar um meio eficaz na aquisição do conhecimento dos costumes e das manifestações culturais quilombolas. O lazer como espaço privilegiado para vivências críticas e criativas de conteúdos culturais, pode “avançar no seu

entendimento apenas como descanso e divertimento e pensar na possibilidade de proporcionar desenvolvimento pessoal e social, por meio das diferentes vivências” (SILVA *et al.*, 2011, p. 19). Já para outros autores como Freitas, Silva e Galvão (2009) as práticas de lazer no âmbito da promoção racial podem contribuir para que essas comunidades não corram o risco de perderem seu patrimônio histórico e cultural. Assim, o lazer quando assume um viés de educação antirracista, corrobora para fazer dele mais que momentos de relaxamento, podendo despertar sentimentos de respeito e tolerância por meio de seu caráter desinteressado. Deste modo, as pessoas envolvidas passam a valorizar a cultura africana através dessas atividades, cuja leveza e naturalidade contribuem para que se identifiquem com muitos de seus elementos, o que reverbera em uma formação cidadã mais consciente, crítica e responsável.

Pensando nisso, este artigo foi estruturado a partir dos conceitos que marcaram a evolução histórica e política dos quilombos e que resultaram em sua conformação atual, bem como nos preceitos legais para sua preservação. Quanto ao turismo étnico, este foi o elemento promotor da aproximação entre quilombolas, alunos, responsáveis e demais visitantes. A educação antirracista, considerada a partir do processo de acolhimento e reconhecimento da cultura afro-brasileira, foi orientada pelas identidades que circulam pelo colégio e que estão imersas na problemática do racismo na sociedade. O conceito de política pública abarcou questões do tipo: quem ganha o quê, por quê e que diferença sua iniciativa provoca na sociedade local. A forma encontrada para a conscientização dos alunos ocorreu mediante o contato direto com o Quilombo de Baía Formosa, em atividades baseadas nos conteúdos culturais do lazer.

### **O Projeto “Nossos Quilombos” do C. E. João de Oliveira Botas**

A escola como lugar de múltiplos saberes é também fruto incontestável de diferentes modos de vida e grupos sociais que transitam por ela, tornando-se palco de

discussões políticas, sociais e culturais, cujas ideias tendem a ser legitimadas (ou não) em seus espaços. Na escola os alunos interagem com os mais variados tipos de culturas, podendo se apropriar ou não de seus conhecimentos. É nela também que vivenciam a diferença, a discriminação, a intolerância e o preconceito, razão pela qual é preciso encontrar meios para abordar estas questões no currículo escolar.

Atinente a esta realidade, o Colégio Estadual João de Oliveira Botas (CEJOB), localizado em Armação dos Búzios (RJ), resolveu implementar a educação antirracista em seu currículo, amparado na lei 10.639/2003<sup>3</sup>. A ideia inicial era discutir os casos de racismo, aproveitando para demonstrar as influências da cultura africana na construção da identidade buziana. Devido à repercussão positiva, entendeu-se que essas atividades poderiam ser reunidas em algo maior, surgindo assim o projeto “Nossos Quilombos”. Criado pela professora Taisa Ferraz Eduardo, no ano de 2017, seu nome faz alusão aos quilombos existentes em Búzios: quilombos da Rasa e Baía Formosa.

O projeto reúne atividades que remetem à questão étnico-racial, cujas práticas se voltam ao combate da desigualdade, intolerância e preconceito racial com finalidade de produzir conhecimento. Estas práticas se traduzem em atividades que buscam forjar atitudes, posturas e reafirmar valores pela compreensão da cultura africana, mas também discutir as desigualdades histórico-sociais vivenciadas pelo negro na sociedade. Portanto, ele se caracteriza pelo conhecimento e divulgação dos elementos culturais quilombolas junto aos alunos e comunidade local, através de práticas educativas antirracistas que acontecem dentro e fora do colégio.

Essas práticas se desdobram em atividades trabalhadas em oficinas, palestras, rodas de conversação, debates, filmes, teatro, vídeos, documentários, exposição de fotografias,

---

<sup>3</sup> Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (BRASIL, 2003).

visitações, estudos do meio, entre outros. Os temas gravitam em torno dos rituais, da religiosidade, dança, gastronomia, vestuário, artesanato, utensílios, linguagem, aspectos estéticos da beleza negra e dos lugares de referência quilombola no município. O projeto possui um calendário próprio de atividades, tendo seu início no dia 15 de março (dia Municipal dos Quilombos de Armação dos Búzios) e término no dia 20 de novembro (dia da Consciência Negra).

O projeto despertou o interesse da Prefeitura Municipal de Armação dos Búzios, que se uniu ao colégio em 2018, inserindo “Nossos Quilombos” em suas atividades culturais. O projeto foi adaptado, o que culminou com a criação de uma política pública de lazer e turismo voltada à educação antirracista. No entanto, apesar do colégio ser um lugar de afirmações identitárias e abarcar esta temática em seu currículo, buscou-se um local onde se poderia vivenciar essa cultura, razão pela qual a parceria ganhou um novo integrante, o Quilombo de Baía Formosa.

### **O Quilombo de Baía Formosa**

Este quilombo é uma das dez comunidades remanescentes quilombolas autoidentificadas nas Baixadas Litorâneas do Rio de Janeiro. Ele foi reconhecido em 2010 pela Fundação Cultural Palmares e, em 2012, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O Quilombo de Baía Formosa localiza-se próximo à Rodovia RJ-102 (estrada Cabo Frio-Búzios), no município de Armação dos Búzios (RJ) e seu território está disposto em uma morfologia descontínua, que abrange quatro núcleos distintos, fragmentados por estradas, lotes e condomínios privados. Destes, três se mantêm em suas áreas tradicionalmente ocupadas e são conhecidos como Núcleos Elisa, José e Zerbina. O quarto, conhecido como núcleo “Expulsos”, é composto por famílias

expulsas da terra nos anos 1970<sup>4</sup> e que migraram para Cabo Frio por efeito do processo expropriatório orquestrado pelo fazendeiro Henrique Cunha Bueno.

Atualmente, a comunidade é composta por 177 famílias distribuídas nos quatro núcleos, mantendo relações sociais e afetivas, organizados na luta pelo território através de uma associação. Nela se encontra o Centro de Tradições Quilombolas da Baía Formosa, local onde são desenvolvidas as atividades que aludem ao dia a dia do quilombo, orientadas por sua proposta autossustentável. Trata-se de um ambiente bastante descontraído que reproduz o modo de viver simples das famílias quilombolas. Lá eles customizam e reparam suas vestimentas, ensaiam e apresentam cirandas, jongo, capoeira, danças e cânticos para contar suas histórias. O artesanato produzido por eles é vendido na lojinha e se destaca pela riqueza dos materiais coletados no próprio quilombo, que transformados em inúmeras peças e objetos, expressam de maneira singular o modo de vida dessa comunidade.

Os quilombolas com sua agricultura familiar cultivam hortas e pomares, criam animais e extraem de suas matas a aroeira para a utilização em sua culinária. A gastronomia é um ponto forte da visitação, pois reúne pratos típicos de tradição ancestral, que são servidos nos cafés da manhã/tarde e almoço quilombola. A comunidade conta ainda com o planejamento, manutenção e execução de suas trilhas e da Rota Escravista Buziana para contar suas histórias e mostrar os lugares percorridos por seus antepassados no balneário.

---

<sup>4</sup> Nos anos 1970, a área que hoje se encontra o Quilombo de Baía Formosa foi arrematada pelo fazendeiro Henrique Cunha Bueno. Este fazendeiro inicia sua empreitada de expulsão dos trabalhadores rurais, agindo primeiro com mecanismos de “convencimento” para o deslocamento dessas pessoas e, posteriormente, ante aos seus insucessos, com formas mais violentas de expropriação da população das terras. Dada a situação, os moradores “aceitaram” ir embora, indenizados com pagamentos de valores de 14 a 40 metros quadrados, em áreas cobertas por lama e matagal em Cabo Frio, conhecidas atualmente como Jardim Però, Jardim Caiçara e São Cristóvão (CORREA *et al.*, 2020, p. 29).

## **Uma Política Pública de Lazer e Turismo Voltada à Educação Antirracista**

Formada a parceria entre o C. E. João de Oliveira Botas, a Prefeitura Municipal de Armação dos Búzios e o Quilombo de Baía Formosa, era preciso readaptar o projeto Nossos Quilombos e definir os papéis que cada ente desempenharia nesta política pública. A prefeitura ficou responsável pela parte financeira e logística da visitação (pagamento das despesas de alimentação, materiais para confecção do artesanato e diárias dos guias locais, além do transporte). O colégio ficou responsável pela adequação do projeto, o planejamento e a organização de toda a programação, enquanto o Quilombo de Baía Formosa assumiu o acompanhamento dos grupos e a execução das atividades.

No entanto, para que esta política pública surtisse o efeito desejado, era preciso pensar na forma como se daria esse contato e de que maneira seria feita a aproximação dos alunos e moradores com os quilombolas. Visando a uma educação antirracista, marcada pelo conhecimento e conscientização, as atividades de sensibilização foram desenvolvidas com base no lazer, por compreender a vivência de inúmeras práticas culturais de modo simples e natural e, principalmente, sem imposições. Assim, o desafio foi organizar os elementos da cultura quilombola em atividades, que agrupadas a partir dos conteúdos culturais do lazer (interesse artístico, manual, intelectual, físico-esportivo, social e turístico), pudesse atrair e apresentar a cultura quilombola aos visitantes.

Em comum acordo, a programação deveria acontecer em um sábado, uma vez por mês para um grupo de até vinte e cinco pessoas, com duração de um dia inteiro. A cada visitação era escolhida uma escola do ensino fundamental ou médio do município (particular ou pública). O critério de seleção dos alunos foi baseado na premiação das doze melhores redações por escola sobre a temática do racismo. O Centro de Tradições Quilombolas da Baía Formosa foi o local escolhido para a realização das atividades. Cada aluno poderia levar um responsável, abarcando simultaneamente a escola e a comunidade

local. Vale ressaltar que o alcance dessa política era ampliado a partir da exibição na escola dos registros audiovisuais feitos durante a visitação, contemplando assim os demais alunos e aumentando o alcance de seus resultados. Importante ressaltar que as atividades foram agrupadas pelos conteúdos culturais do lazer para efeito de organização, mas sabemos que estão interconectadas, afinal, determinada atividade pode se inserir em mais de uma área de interesse do lazer.

### **Referencial Teórico**

O conceito clássico de quilombo o considera como “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles” (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 2). Percebe-se que é atribuído ao quilombo um período de tempo histórico e cristalizado da escravidão no Brasil, caracterizando-o como lugar de resistência e isolamento de negros fugidos. Tal definição perdurou até meados dos anos de 1970, quando começou a ser questionada e se passou a exigir sua atualização. Entretanto, foi somente em 1994, que o Ministério Público Federal convocou a Associação Brasileira de Antropologia para emitir parecer sobre o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT/CF, 1988. Este parecer entende quilombo para além de

[...] resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, consiste em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio (O’ DWYER, 1995, p. 1).

A construção deste conceito garantiu a ampliação dos direitos quilombolas, agindo em prol da reparação de uma cidadania que ficou incompleta em decorrência da herança

escravocrata no Brasil. A ressemantização do termo quilombo desvelou novas maneiras de perceber esta organização social nos tempos atuais, permitindo sua compreensão como

[...] comunidades negras rurais ou urbanas habitadas por descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os habitantes dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e têm normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade (MOURA, 2007, p. 3).

Particularmente, o ano de 2003 foi muito importante para os remanescentes quilombolas, afinal, foi nesse ano que o decreto nº 4.887 foi criado. Este decreto buscou regulamentar o procedimento de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas, instruindo respectivamente em seu art. 2º, parágrafo 1º, que passou a considerar:

[...] remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. [...] A caracterização dos remanescentes da comunidade quilombola será atestada mediante autodefinição da própria comunidade (BRASIL, 2003, p. 1).

Este decreto enfatiza o autorreconhecimento dos indivíduos e seus grupos sociais como remanescentes quilombolas, seja pela relação ancestral com a terra, seja pela ligação com os elementos que permeiam sua história, cultura, memória e identidade, o que representou uma grande conquista por considerar o direito étnico dessas comunidades. Vale lembrar que antes da Constituição Federal de 1988, não havia nenhum meio legal e normativo no Brasil que as reconhecesse, tampouco seus direitos como cidadãos.

Outro ponto relevante na conquista dos direitos destas comunidades foi a promulgação da lei federal 10.639 de 2003, que alterou a lei nº 9.394/96, para incluir no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-

brasileira”, além de estabelecer o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar. Tais ações representaram importantes conquistas na luta contra o racismo nas escolas, pois retomaram o debate da diversidade e do multiculturalismo, corroborando na implementação de práticas que passaram a incluir a questão racial em seus currículos.

A partir da consolidação de seus direitos, da necessidade de reconhecimento, da reafirmação de sua cultura e também como forma de sobrevivência, as comunidades quilombolas começaram a se organizar para receber visitantes. A formação de grupos interessados em conhecer sua cultura ancestral, seus bens patrimoniais, suas memórias, identidades e “africanidades” ajudou a reforçar essa ideia. Por outro lado, o “receber” nos quilombos tornou-se uma necessidade dessas comunidades para se fazerem conhecer e se manter, mas também transformar seus espaços em

[...] ambientes de inclusão; de combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação; de troca de ideias; de respeito à diversidade; de resgate da autoestima; de reconhecimento e valorização da história e identidade das minorias historicamente discriminadas, bem como, da afirmação do caráter pluriétnico e multicultural da nossa sociedade (ARAÚJO, 2012, p. 123).

Tendo em vista tais ideias, o turismo tornou-se o caminho natural dessas comunidades para ganharem visibilidade na reafirmação de sua identidade, seja pela valorização e preservação de suas tradições, seja como meio de sobrevivência. A inserção da atividade turística em comunidades tradicionais deu origem ao turismo étnico, que segundo o Ministério do Turismo, “reflete a essência cultural do lugar visitado. Constitui-se de atividades turísticas envolvendo a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos” (BRASIL, 2010, p. 20). Assim, este tipo de turismo “propõe uma discussão que possibilite o entendimento e sensibilize o que representa o ‘outro’ a partir de sua cultura e identidade étnica para o mundo” (SOUZA e PINHEIRO, 2018, p. 31). Tudo isso nos leva a refletir de que forma

o turismo étnico pode contribuir para viabilizar uma educação antirracista, a partir da visitação em quilombos. Afinal, esse tipo de turismo, quando inserido nas escolas, se torna mais uma das “estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional” (TROYNA e CARRINGTON, 1990, p. 1).

Porém, para compreendermos os caminhos que levam de fato a uma educação antirracista, faz-se necessário entender a definição de racismo, que na acepção de Gomes (2006, p. 52), trata-se de

[...] um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Nos dizeres de Ribeiro (2019, p. 7), que ajudou a cunhar o termo “educação antirracista”,

[...] os movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas.

Segundo Lélia Gonzalez (1988, p. 74) é justamente a “consciência objetiva desse racismo sem disfarces e o conhecimento direto de suas práticas cruéis que despertam esse empenho, no sentido de resgate e afirmação da humanidade e competência de todo um grupo étnico considerado ‘inferior’”. Esse sentimento de inferioridade também se materializa nos espaços escolares quando “há a negação, o silenciamento, o desprezo sobre as temáticas étnico-raciais e da história e cultura africana e afro-brasileira, mesmo com a sua obrigatoriedade definida na Lei nº 10.639/03” (SILVA e COSTA, 2018, p. 25).

Na interpretação de Carneiro (2005), essas dinâmicas de inferiorização, de destituição da capacidade de articular um pensamento crítico e reflexivo ou mesmo de produzir cultura, retrata o que ela denomina de epistemicídio<sup>5</sup>.

Pensando nessas questões, Santos (2016) explica que uma educação antirracista é aquela que entende que vivemos em uma sociedade racista, em que as relações entre as pessoas são pautadas também a partir do lugar social e racial que elas ocupam, e se preocupa em preparar indivíduos que possam se colocar contra esse sistema gerador de desigualdades. Silva e Costa (2018, p. 25) falam que a educação antirracista “é aquela que está relacionada com o ensino das relações étnico-raciais, promoção de valores que promovam a igualdade na sociedade, a qual aborda temas como preconceito, discriminação, racismo e diversidades culturais”. Amparado nessas ideias e conceitos é possível “pensar em meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial” (CAVALLEIRO, 2001, p. 158) e, inclusive, fomentar políticas públicas voltadas para esta temática.

Compreender o que é uma política pública exige articular algumas concepções do que ela representa, deste modo, ela pode ser entendida como um conjunto de ações governamentais que irão produzir efeitos específicos (LYNN, 1980); ou como tudo aquilo que um governo escolhe fazer ou não fazer (DYE, 1984); ou ainda, como a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação e que influenciam a vida dos cidadãos (PETERS, 1986). Para Menicucci (2006, p. 141), uma política pública

---

<sup>5</sup> O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender” (CARNEIRO, 2005, p. 97).

[...] diz respeito à ação das autoridades públicas na sociedade, referindo-se àquilo que os governos produzem, para alcançar determinados resultados, através de alguns meios. Nessa concepção, políticas públicas remetem a um conjunto de decisões e a um conjunto de ações para implementar aquelas decisões.

Da mesma forma, uma política pública de lazer “deve ter uma postura crítica e articular-se, compartilhando objetivos e recursos, além de adotar como critérios fundamentais o incentivo à sociabilidade espontânea e o desenvolvimento da sensibilidade e do autoconhecimento dos participantes” (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2004, p. 82). Quando pensamos em uma política pública de lazer e turismo voltada à educação antirracista, nos vemos em meio a tensões que se situam entre o conservadorismo e as mudanças (LINHALES, 2008). Todavia, o caráter educativo que impera nas políticas públicas de lazer, faz com que essas atividades se tornem “explicáveis e justificáveis. Em outras palavras, o lazer apoia-se no processo pedagógico formal para fundamentar-se em algo maior e ter assim sua legitimação enquanto política pública” (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2004, p. 81).

Logo, o lazer aparece como uma opção viável para trabalhar a educação antirracista nos quilombos, haja vista ter o poder de fazer com que os visitantes se apropriem dos elementos culturais de forma mais simples. Para De Filippis e Marcellino (2013, p. 34), a cultura quando apropriada pelo lazer “pode ser vivenciada em seu sentido mais amplo, em que não se busca outra recompensa além da satisfação provocada pela situação, tendo como traço definidor o caráter desinteressado, respeitados os aspectos tempo e atitude”. Gomes (2004, p. 125) explica que

[...] o lazer é uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

Deste modo, o lazer faz da aquisição do conhecimento uma aprendizagem experiencial<sup>6</sup>, endossada por aspectos emocionais, físicos e intelectuais, que combinados com a própria experiência do lugar aguçam as percepções, deixando seus praticantes mais receptivos ao conhecimento. Afinal, o lazer tem no lúdico, no entretenimento e na mobilidade excelentes ferramentas de motivação e interação, e entender essa dinâmica torna-se bastante coerente e essencial para o sucesso desse aprendizado. Através dele pode-se criar novas possibilidades de atividades para viabilizar a aceitação da temática racial, que a princípio poderia apresentar grande resistência.

Além disso, o lazer praticado nos quilombos se alinha àquele definido por Stoppa, Trigo e Isayama (2017, p. 141) que o consideram como “um espaço privilegiado para a vivência de conteúdos culturais e estabelece relações com diferentes dimensões da vida, tais como: trabalho, educação, família e religião”. Santos e Marinho (2015, p. 282), entendem que o termo conteúdos culturais do lazer é uma “influência do pensamento de Dumazedier (1980) ao distinguir cinco áreas fundamentais de interesses verificados no lazer (físicos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais); e acrescido um sexto grupo, conforme sugestão de Camargo (2003), que se caracteriza pelos interesses turísticos”. Buzacarini e Corrêa (2015, pp. 20-22), baseados também em Dumazedier (1980) e Camargo (2003), explicam os conteúdos culturais do lazer da seguinte forma:

**Interesses artísticos:** seu campo de domínio é a imaginação. A motivação central que conduz os indivíduos a essas manifestações é a experiência estética, mesmo que não seja exclusiva desse conjunto, impulsionada pelo prazer das diversas linguagens artísticas. **Interesses intelectuais:** busca-se o contato com o real, informações objetivas, este conteúdo está diretamente relacionado ao ato de raciocinar. Sua ênfase central é a busca de prazer pela atividade de raciocínio. **Interesses físicos/esportivos:** conjunto de atividades que privilegiam o movimento, nas diferentes práticas corporais, exercícios físicos e esportivos. Seu elemento central de motivação é o movimento do corpo, nas suas mais diversas possibilidades da cultura corporal de movimento, das mais variadas intensidades e formas pela busca do bem-estar e prazer. **Interesses**

---

<sup>6</sup> A **aprendizagem experiencial** parte do pressuposto que o fato de aprender por meio da experiência não implica afirmar que qualquer vivência culmina em aprendizagem. Pois esta é, acima de tudo, mental e tornar próprios os saberes procedentes da experiência necessita processos contínuos de ação e reflexão (MANHÃES e LOCATELLI, 2011, p. 12).

**manuais:** a motivação se encontra fundamentalmente na capacidade de manipulação, quer de objetos ou materiais, quer da jardinagem, carpintaria, marcenaria, artesanato, corte e costura, culinária e o cuidado com os animais. **Interesses sociais:** procura fundamentalmente o relacionamento e contato face a face, no qual o elemento motivador é a promoção de atividades relacionadas aos encontros entre pessoas. Esta atividade está intimamente ligada aos demais interesses, pois, tendem a formar grupos e desenvolver a sociabilidade. **Interesses turísticos:** a busca por novas paisagens, a “quebra” da rotina, a procura de conhecer novos lugares, costumes e pessoas se caracterizam como um interesse do lazer. Este segmento compreende viagens, roteiros, passeios, hotéis, resorts pousadas, entre outros, que se relacionam com a mudança de localidade em função da busca pelo prazer.

Percebe-se claramente que “os conteúdos culturais do lazer estão entrelaçados, e uma atividade pode conter vários interesses, ou seja, em uma mesma atividade pode haver mais de um interesse, com a predominância desse ou daquele” (*Ibidem*). Seja como for, essas atividades levam as pessoas a conhecerem os elementos históricos, econômicos, sociais e culturais, bem como hábitos e costumes e as relações de sociabilidade que permeiam as comunidades quilombolas, educando-as para as questões étnico-raciais.

## **Metodologia**

A metodologia adotada na pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, de caráter exploratório e descritivo. Seu objeto são as atividades culturais dos quilombolas, agrupadas a partir dos conteúdos culturais do lazer para a promoção de uma educação antirracista; tendo como sujeitos os alunos buzianos, seus responsáveis e os quilombolas de Baía Formosa, no período de 2019.

A exploração aconteceu por meio da pesquisa bibliográfica no portal de periódicos da Capes e em sites de pesquisas acadêmicas como Redalyc, Scielo e Google Acadêmico, a partir dos descritores: quilombo; lazer; educação antirracista; turismo étnico, sendo excluídos todos os artigos, dissertações e teses que não contemplavam a ideia do lazer em quilombos. Em termos descritivos, a pesquisa-ação apoiou-se na observação assistemática para verificar de que forma se estabeleciam as relações entre visitantes e quilombolas e como estes se envolviam com as atividades de lazer.

Os instrumentos utilizados na obtenção dos dados foram o questionário semiaberto e a observação assistemática. O questionário foi respondido pelos vinte e cinco participantes de cada grupo, sendo aplicado no final da visitação ao Quilombo de Baía Formosa. Através desse questionário buscou-se verificar qual era o conhecimento anterior dos respondentes em relação à cultura africana e o quanto essa percepção foi aumentada após a visitação. Já a observação assistemática foi feita pelos professores acompanhantes do CEJOB com os alunos e seus responsáveis, para observar como eles agiam e reagiam às atividades propostas ao longo da visitação.

. Através dele, se buscou analisar como os visitantes enxergavam a cultura afro-brasileira e até que ponto este contato com o quilombo influenciou na sua percepção social e cultural. Foi verificada ainda de que forma as atividades de lazer contribuíram para se pensar nas questões do preconceito racial e da intolerância religiosa e quais fatores foram preponderantes para a consolidação das relações entre os quilombolas, professores, alunos e seus responsáveis.

## **Resultados e Discussões**

Os resultados apontados na pesquisa evidenciaram que as visitações ao Quilombo de Baía Formosa contribuíram para o (re)conhecimento da cultura africana, sendo notória a melhoria da compreensão das questões étnico-raciais pelos alunos. Este entendimento refletiu em mudanças significativas no jeito dos alunos se tratarem em sala, evitando apelidos e comentários depreciativos, passando, inclusive, a respeitar as práticas religiosas dos colegas, principalmente aquelas de matriz africana. Os resultados sinalizaram para uma maior conscientização sobre os mecanismos que engendram o preconceito racial, entendendo que tais atitudes são passíveis de consequências legais, por isso devem ser evitadas e sempre desestimuladas.

Na apuração dos resultados ficou evidente que o modo de abordar a educação antirracista a partir das atividades de lazer e pela convivência no próprio quilombo, permitiu uma melhor compreensão dessa cultura, sendo possível notar também o orgulho dos quilombolas ao apresentá-las. Essa percepção foi considerada inspiradora pelos participantes, vertendo-se em respeito e contribuindo para realinhar determinados comportamentos racistas. O desejo de conhecer a cultura quilombola marcou as relações interpessoais e se caracterizou como um elemento essencial na condução dessas atividades. Houve a percepção por parte dos visitantes do esmero que os quilombolas tinham para com eles durante a condução das atividades, buscando fornecer o máximo de detalhes para demonstrar a riqueza de sua cultura. O que conferiu uma verdade acolhedora, sendo gentilmente retribuída na forma de respeito e interesse na execução das atividades, conforme descritas a seguir.

**Atividades sociais** – Estas estavam centradas na recepção e acompanhamento dos visitantes pelos quilombolas, nas interações e relações interpessoais que se formavam durante a visitação. Estão relacionadas com as informações transmitidas sobre o quilombo, com a fala de suas lutas pela posse definitiva da terra, com as histórias contadas, com a descrição de seus projetos e demais iniciativas em relação ao turismo étnico e à agricultura sustentável. Na prática, essa socialização ocorreu durante todo o tempo, tanto no repasse do conhecimento e experiências, como no cuidado com os participantes durante as atividades.

O modo espontâneo com que os quilombolas se relacionavam com os participantes e a forma natural com que relatavam suas histórias, contribuiu para reduzir o estranhamento e aumentar a sensação de acolhimento. O fato de utilizarem um linguajar próprio, a princípio poderia soar como hostil, porém, eles buscavam explicar cada termo

ou palavra, fazendo dessa atitude uma experiência bastante interessante e hospitaleira, conforme relatado pelos grupos.

**Atividades manuais** – Elas aparecem associadas à gastronomia através da colheita nas hortas e pomares e no acompanhamento da elaboração dos pratos. Nessas atividades os participantes eram conduzidos até a horta e o pomar para conhecer o sistema de agricultura sustentável que mantinham, além de colher o alimento que, teoricamente, iriam consumir no almoço. A ideia de comer o alimento produzido pelos quilombolas, fazia com que o grupo se sentisse de fato acolhido pela partilha dos alimentos, se sentisse parte do lugar, ou como nos falam Farias, Rejowski e Minasse (2020, p. 2), “o ato de comer junto é ser convidado a pertencer”.

Outra atividade manual bastante representativa foi a participação nas oficinas de artesanato, onde o visitante era convidado a confeccionar turbantes, batas, bijuterias, cestarias, balaios, jarros e as bonecas abayomis<sup>7</sup>. A utilização de materiais como retalhos de tecidos coloridos ou coletados no próprio quilombo como folhas, sementes, argila, bambu, palha e capim, ajudavam a contar suas histórias e costumes. No final das oficinas o que cada um produzia poderia ser levado como lembrança da visita, atitude considerada muito gentil pelos participantes. Deste modo, todos teriam algo que remetesse à cultura quilombola, mas também poderiam adquirir uma variedade de produtos de artesanato na lojinha do quilombo.

**Atividades físico-esportivas** - O conteúdo **físico-esportivo** abarcou as danças, rodas de ciranda, capoeira e as caminhadas pelas diversas trilhas presentes no quilombo, com destaque para a Trilha Ecológica Manoel Cesarina, nome dado em homenagem a um

---

<sup>7</sup> As bonecas abayomis são feitas de retalhos, sem uso de cola ou linha, elas eram feitas por mães em navios negreiros, como forma de gerar segurança e transmitir afeto para os filhos que as acompanhavam no trajeto. Porém, de acordo com Eduarda Ramos (2021), trata-se apenas de uma visão romantizada desse período, tendo em vista que não há nenhum registro documentado que as mães levavam seus filhos nos navios negreiros. Os traficantes de escravos geralmente não traziam crianças pequenas porque elas não tinham ‘valor’ comercial nenhum”, explica a historiadora. Site Lunetas <https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>.

dos griôs mais antigos e que liga o quilombo a um trecho da Praia das Caravelas, denominado Praia do Kalunga.

Na apresentação da ciranda de roda, jongo e capoeira foi possível identificar que existe uma preocupação em manter viva a própria cultura entre os mais jovens. É bastante perceptível uma mudança de comportamento, o que antes era motivo de vergonha entre esses jovens negros, agora é orgulho, pois passaram a entender a importância de seus hábitos e costumes. A percepção de acolhimento se deu durante as apresentações, quando as pessoas eram convidadas a dançar e também a ensaiar alguns passos de jongo e capoeira, incentivados pelos quilombolas. Na execução da Trilha de Manoel Cesarina, os participantes tinham o contato direto com as belezas da Mata Atlântica; no decorrer da trilha, o guia quilombola contava as histórias das plantas e demonstrava seus usos na culinária, nos rituais religiosos e na cura de males.

**Atividades artísticas** – Fazem parte destas atividades a música, os instrumentos musicais, os vídeos de apresentações culturais, as exposições de quadros e fotografias. A música quilombola e seus cânticos foram o grande destaque, e propiciaram momentos interessantes onde os participantes ouviam as explicações sobre as letras e instrumentos musicais utilizados nas cirandas, festas e celebrações religiosas. Ao final, se aventuravam a cantar e/ou tocar algum instrumento com os quilombolas. Em outra atividade, os participantes visitavam uma exposição que ficava em uma pequena sala, onde era possível ver muitas fotografias e também alguns quadros pintados pelos próprios quilombolas com registros do cotidiano da comunidade.

**Atividades intelectuais** – Fazem parte dessas atividades os relatos dos griôs (quilombolas mais velhos) e suas histórias de vida. Mas também palestras e rodas de conversação que abarcavam temáticas como intolerância, preconceito, discriminação racial e racismo estrutural. Estes temas eram debatidos pelos quilombolas, convidados e

visitantes no início da visitação. Os griôs conduziam as atividades, já que eram os detentores dos saberes e os contadores oficiais das histórias quilombolas, além disso, relatavam suas próprias experiências, que apesar de pessoais se misturavam às histórias do quilombo. Através deles os visitantes ficavam conhecendo as histórias de luta pela posse da terra, mas também os “causos” que traduziam a cultura quilombola. É ainda neste momento que os convidados das universidades e outras instituições proferiam suas palestras e promoviam debates, sempre assessorados pelos griôs, que ajudavam na fruição das discussões nas rodas de conversação.

**Atividades turísticas** – correspondem à execução da Rota Escravista Buziana e aconteciam no período da tarde. Os visitantes eram levados em um micro-ônibus e acompanhados por um guia de turismo do próprio quilombo, de modo a percorrer os lugares de referência quilombola em Búzios. Essa rota compreende os lugares de memória e o itinerário por onde os africanos escravizados passavam/ficavam, antes de serem vendidos para as fazendas do norte e noroeste fluminense. Durante todo o guiamento são compartilhados o conhecimento e as histórias desses lugares, associando-os à sabedoria e às tradições afro-brasileiras, situando-os na história local. De volta ao quilombo, os participantes tomavam o café da tarde e assim se encerrava a programação das atividades.

Ao agruparmos as atividades por interesses do lazer, foi possível elaborar uma programação bastante abrangente e representativa dos vários momentos do dia a dia dessa comunidade. Os visitantes puderam conhecer mais que a rotina dos quilombolas, já que tiveram a oportunidade de vivenciar na prática seus hábitos e costumes, além de entender melhor a riqueza de seus elementos culturais ao participarem das atividades. Em termos educacionais, o caráter desinteressado do lazer contribuiu para o estabelecimento de vínculos e ajudou no estreitamento das relações interpessoais. O lazer como elemento-chave para uma educação antirracista cumpriu seu papel, pois os participantes interagiram

de forma leve e sutil com os elementos da cultura quilombola, o que se mostrou perfeitamente adequado à pesquisa.

Apesar das atividades estarem agrupadas por interesses do lazer, isso não comprometeu a qualidade educacional da experiência, pelo contrário, pois em muitos momentos elas se entrecruzavam, reforçando seu caráter pedagógico. Além disso, os quilombolas ofereciam a todo momento informações que se complementavam àquelas fornecidas anteriormente. Eles foram anfitriões atenciosos e era perceptível o orgulho ao falar de sua cultura, manifestada pelo desejo de contar suas histórias, na forma de demonstrar seu modo de vida e pelo acesso irrestrito aos lugares que lhes são caros. Tudo isso ajudou os participantes a construírem uma imagem positiva, tendo como pano de fundo as atividades de lazer.

### **Considerações Finais**

Esta pesquisa buscou inserir no debate da educação antirracista a visita aos quilombos e seu aprendizado cultural a partir das atividades de lazer, articulando a importância do conhecimento na promoção do respeito à diversidade e à igualdade racial. O contato direto com o patrimônio material e imaterial, presentes no Quilombo de Baía Formosa e rota escravista, possibilitou que as pessoas tomassem ciência desses lugares e da cultura ali existente. E é justamente esta a ideia pretendida quando propusemos tais atividades: a de educar através da interação com a cultura quilombola e seus elementos, entendendo-os como símbolos que remetem ao patrimônio local, portanto, preponderantes para o entendimento e valorização das memórias e identidades do povo buziano.

Da mesma forma, ao apresentamos essa política pública, cuja programação é imbuída pelo lazer, buscamos demonstrar que é possível encontrar soluções factíveis para

problemas que se encontram a tempos arraigados na escola e, por conseguinte, na sociedade. A imersão no cotidiano quilombola com atividades de lazer não se furtou em nenhum momento do caráter educativo antirracista proposto no estudo, tampouco descaracterizou a construção das relações interpessoais que se formaram durante a visitação. A ressignificação do quilombo como espaço educacional e o lazer como elemento indutor de uma educação antirracista, ajudou na compreensão de suas manifestações culturais e marcou a relevância da manutenção das relações de sociabilidade.

Entendemos que através de medidas simples e atitudes assertivas podemos ajudar as pessoas a ressignificarem o mundo que as cercam, bem como renovar valores e comportamentos em prol da igualdade e respeito à diferença. Ao buscarmos apresentar essa política pública de lazer e turismo voltada à educação antirracista, deflagramos ações que poderão reverberar não somente na escola como também na própria comunidade, a partir do conhecimento da realidade quilombola. Afinal, intencionamos neste estudo uma educação calcada nas trocas culturais e experiências como forma de sensibilizar seus participantes e assim contribuir para uma verdadeira democracia multiétnica e igualitária.

Porém, reconhecer a cultura quilombola não significa abandonar outros grupos étnicos e nacionalidades que frequentam as escolas buzianas, haja vista Búzios ser uma cidade cosmopolita onde as diferenças se cruzam e se solidarizam forjando uma identidade cultural própria. Ao abarcar esta e outras culturas que transitam pelas escolas, torna-se possível entender os processos históricos que as compõem, além disso, suas interações ajudam na elaboração de práticas curriculares mais humanizadas e endossadas por uma educação antirracista.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Políticas públicas de lazer e qualidade de vida: a contribuição do conceito de cultura para pensar as políticas de lazer. *In: VILARTA, R. (org). Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física.* Campinas, SP: IPES Editorial, 2004.
- ARAÚJO, J. A. Educação, desigualdade e diversidade: os grupos menos favorecidos frente ao sistema escolar brasileiro. **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, p. 114-125, jul./out., 2012.
- BRASIL. Diário Oficial da União. **Decreto nº 4.887 de 20/11/2003.** Diário Oficial da União-Seção 1, Brasília, 2003.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas.** Secretaria Nacional de Políticas de Turismo - Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 3. ed. Brasília, 2010.
- BUZACARINI, C.; CORRÊA, E. A. Lazer dos “estudantes universitários”. **Conexões:** revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 2, p. 15-42, abr./jun., 2015.
- CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.** Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo/Feusp. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo - São Paulo, 2005.
- CAVALLEIRO, E. **Racismo e antirracismo na educação:** repensando a escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CORREA, G. S. *et al.* Os conflitos por terra e território do quilombo de Baía Formosa: contribuições da geografia na luta contra o Complexo Turístico-Imobiliário Aretê em Armação dos Búzios (RJ). **Revista Terra Livre**, São Paulo, ano 35, v.1, n.54, p. 22-68, 2020.
- DE FILIPPIS, A.; MARCELLINO, N. C. Formação profissional em lazer, nos cursos de Educação Física, no Estado de São Paulo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 31-56, jul/set., 2013.
- DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer.** São Paulo: Sesc, 1980.
- DYE, T. D. **Understanding Public Policy.** Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1984.
- FARIAS, R. R.; REJOWSKI, M.; MINASSE, M. H. S. G. G. **Comensalidade e hospitalidade em Boutaud e suas interfaces com a produção científica posterior.** SEMEAD - SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 23, nov., 2020.
- FREITAS, D. B.; SILVA, J. M.; GALVÃO, E. F. C. A relação do lazer com a saúde nas comunidades quilombolas de Santarém. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 89-105, jan., 2009.

GOMES, C. L. Lazer - concepções. *In*: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

GOMES, N. L. **Educação antirracista**: abertos pela lei federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://negrasoublog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso: 13 jul. de 2021.

LINHALES, M. A. Esporte e lazer na Grande-BH: por onde caminham as gestões públicas? *In*: ISAYAMA, H.; LINHALES, M. A. (Orgs.). **Avaliação de políticas e políticas de avaliação**: questões para o esporte e o lazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LYNN, L. E. **Designing public policy**: a casebook on the role of policy analysis. Santa Monica, Calif.: Goodyear, 1980.

MANHÃES, B. LOCATELLI, A. Questão de educação: como o turismo ensina? **Observatório de Inovação do Turismo: Revista Acadêmica**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, março, 2011.

MENICUCCI, T. Política públicas do lazer: questões analíticas e desafios políticos. *In*: ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A. (orgs). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MOURA, G. Educação Quilombola. **Salto para o futuro**, Brasília, n.10, p.3-8, 2007.

O'DWYER, E. C. Terra de quilombos. **Boletim da Associação Brasileira de Antropológica**, Rio de Janeiro, 1995.

PETERS, B. G. **American public policy**. Chatham, N.J.: Chatham House, 1986.

RAMOS, E. **Bonecas Abayomi**: o perigo de contar uma história hegemônica. Disponível em: <https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>, 2021. Acesso em: 12 ago. 2021.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1.ed. Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, P. M.; MARINHO, A. Conteúdos culturais do lazer e participação em grupos de convivência... **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4, dez., 2015.

SANTOS, S. **História da África e cultura Afro-brasileira no currículo de História**: propostas de trabalho. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SCHMITT, A; TURATTI, M. C. M; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, Ano 5, n. 10, 1º Semestre, 2002.

SILVA, A. Q.; COSTA, R. S. Educação antirracista é educação transformadora: uma análise da efetividade da lei nº 10.639/03. **Em Favor da Igualdade racial**, v.1, n.1, fev-jul, 2018.

SILVA, D. A. M.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F.; MARCELLINO, N. C.; MELO, V. A. **Importância da recreação e do lazer**. Cadernos interativos – elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersetoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo (4), Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

SOUZA, N. N. S.; PINHEIRO, T. R. **Turismo étnico**. Volume Único. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2018.

STOPPA, E. A.; TRIGO, L. G. G; ISAYAMA, H. F. O lazer do brasileiro no período de férias: representações e concretizações das atividades turísticas. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.138-154, abr., 2017.

TROYNA, B.; CARRINGTON, B. **Education, racism and reform**. London: Routledge, 1990.

**Endereço do/a Autor/a:**

José Ângelo Carneiro  
Endereço eletrônico: vigorito\_2005@hotmail.com

Valéria Lima Guimarães  
Endereço eletrônico: valeriaguimaraes@id.uff.br